



**A EDUCAÇÃO E O
CONVITE PARA PENSAR:
REFLEXÕES A PARTIR
DA FILOSOFIA**

CAROLINE TECCHIO

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

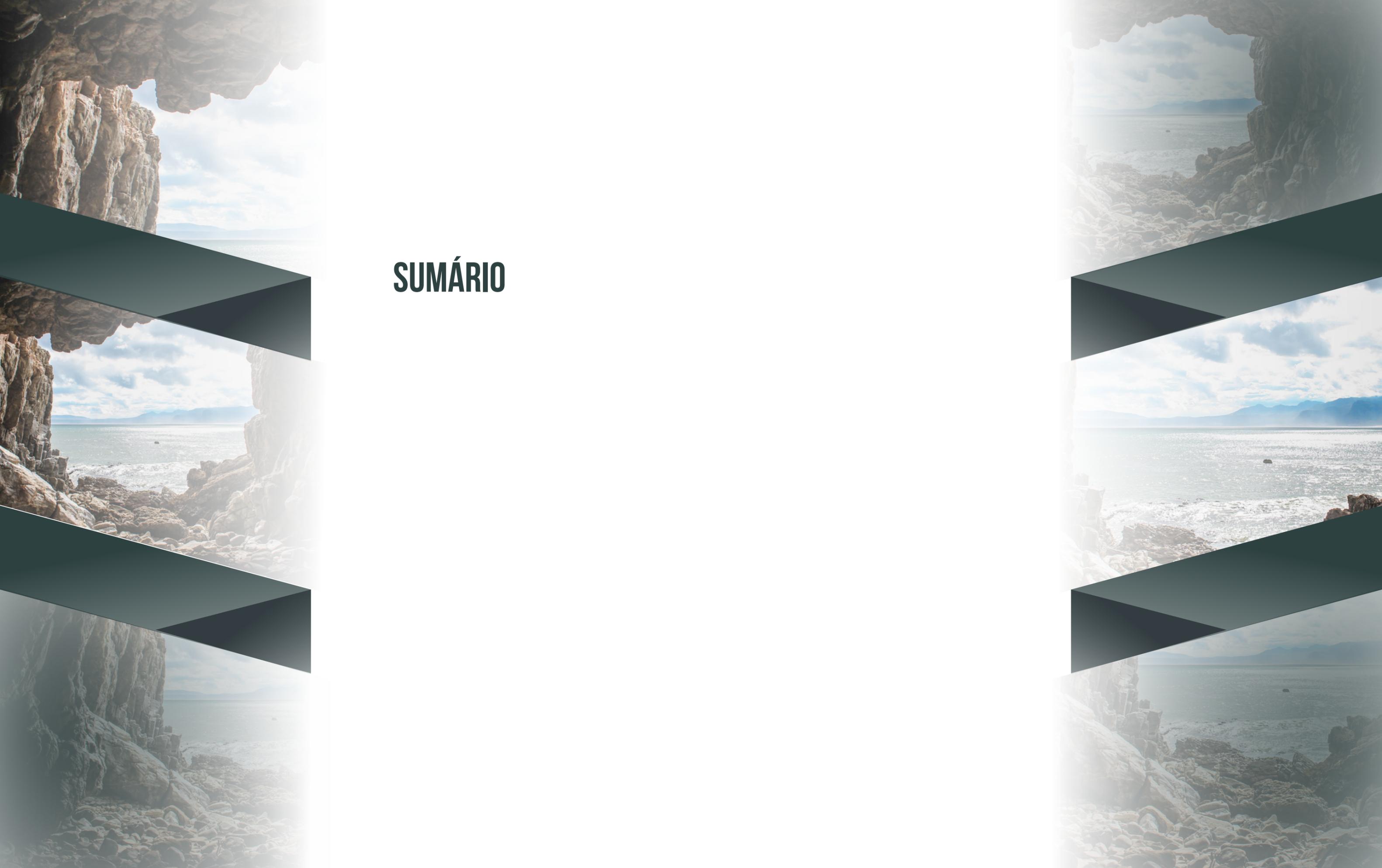
Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!



SUMÁRIO

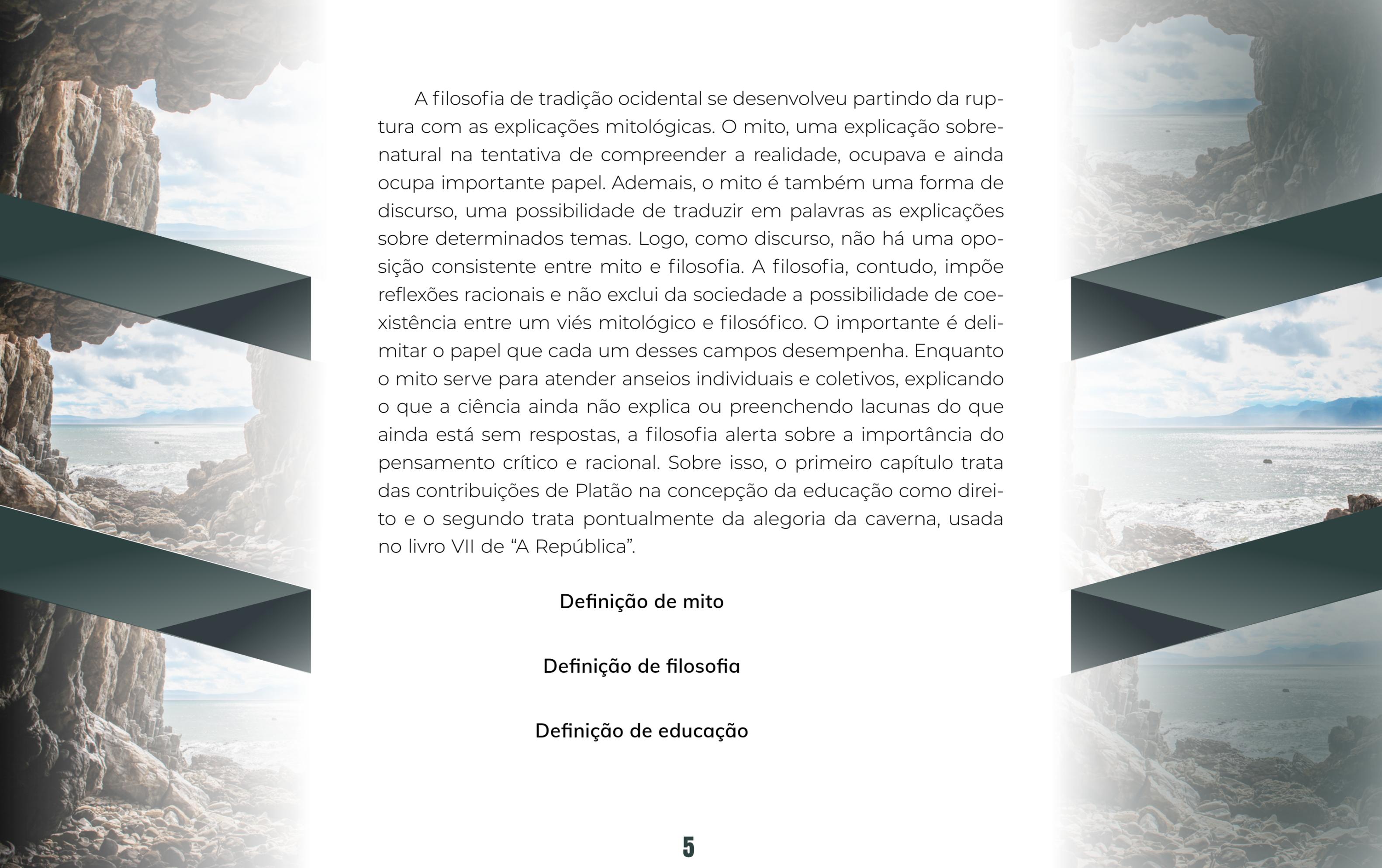
APRESENTAÇÃO

Caros alunos,

O e-book *A educação e o convite para pensar: reflexões a partir da filosofia* tem base em discussões apresentadas no campo da filosofia, e indaga as diferentes possibilidades da Educação e os sentidos atribuídos a ela, observando questões contemporâneas.

Em sua essência, a filosofia traz, inclusive em sua definição, o amor à sabedoria. Surgindo da junção das palavras gregas *philo* (amor) e *sophia* (sabedoria), a filosofia exerce um importante papel na educação. A *paidéia* (termo que designa a educação na Grécia Antiga) foi objeto de reflexão de alguns filósofos e servirá de apoio para pensar aspectos da educação na atualidade.

Educação, compreendida aqui como um conjunto de práticas em que é possível ensinar e aprender, exige que os profissionais que se dispõem a trabalhar na área pensem sobre o contexto em que exercem o ofício. Neste aspecto, percebe-se o vínculo entre educação e filosofia. Ao ensinar, aprender e estar imerso no processo da educação formal, a pessoa torna-se responsável por amar a sabedoria e filosofar sobre as posturas diante das práticas educacionais. Outra indagação pertinente é a seguinte: a qual proposta de sociedade serve a educação promovida na atualidade? Pense nestas questões ao longo da leitura.



A filosofia de tradição ocidental se desenvolveu partindo da ruptura com as explicações mitológicas. O mito, uma explicação sobrenatural na tentativa de compreender a realidade, ocupava e ainda ocupa importante papel. Ademais, o mito é também uma forma de discurso, uma possibilidade de traduzir em palavras as explicações sobre determinados temas. Logo, como discurso, não há uma oposição consistente entre mito e filosofia. A filosofia, contudo, impõe reflexões racionais e não exclui da sociedade a possibilidade de coexistência entre um viés mitológico e filosófico. O importante é delimitar o papel que cada um desses campos desempenha. Enquanto o mito serve para atender anseios individuais e coletivos, explicando o que a ciência ainda não explica ou preenchendo lacunas do que ainda está sem respostas, a filosofia alerta sobre a importância do pensamento crítico e racional. Sobre isso, o primeiro capítulo trata das contribuições de Platão na concepção da educação como direito e o segundo trata pontualmente da alegoria da caverna, usada no livro VII de “A República”.

Definição de mito

Definição de filosofia

Definição de educação

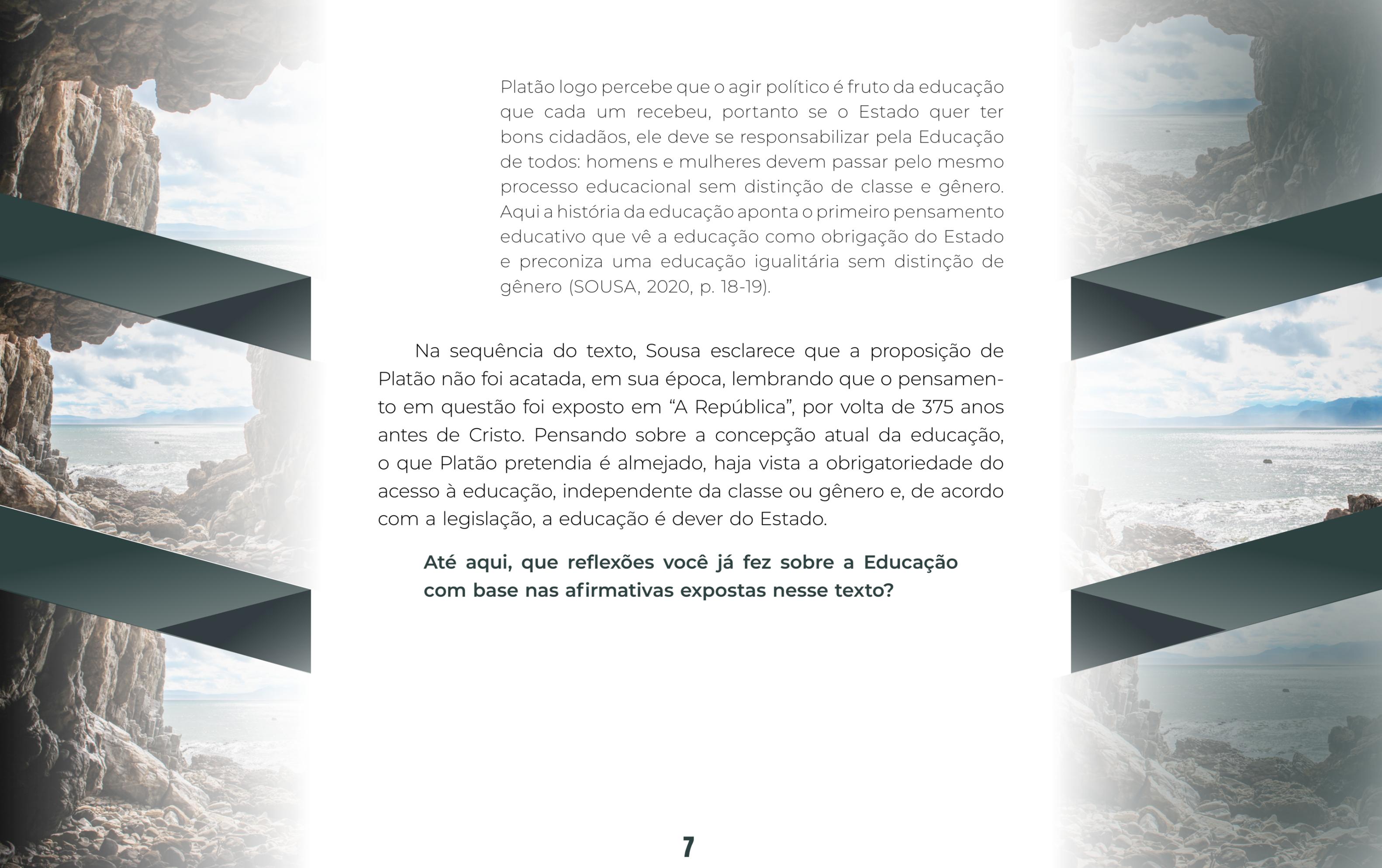
1. PLATÃO FAZ PENSAR

Entende-se a filosofia como um convite a pensar, e olhamos para os filósofos da antiguidade observando suas contribuições para as nossas reflexões sobre a educação. Após observar, com a leitura dos textos disponibilizados, o significado de mito, filosofia, e educação, associa-se que o próprio sentido da Educação está vinculado à filosofia antiga, quando significava principalmente o melhoramento da alma e do espírito. Hoje, apresentada como proposta para o desenvolvimento humano, a educação é um conceito amplo que assume funções sociais. É por meio da educação que se organiza a vida em sociedade e que o conhecimento é concebido como um direito.

Para refletir mais sobre isso, segue um trecho do capítulo “Breves notas sobre a filosofia da educação de Platão”, de José Renato de Araújo Souza, do livro *A filosofia pensa a educação: da antiguidade a pós-modernidade*.

Acompanhe uma síntese sobre o pensamento de Platão e a educação.

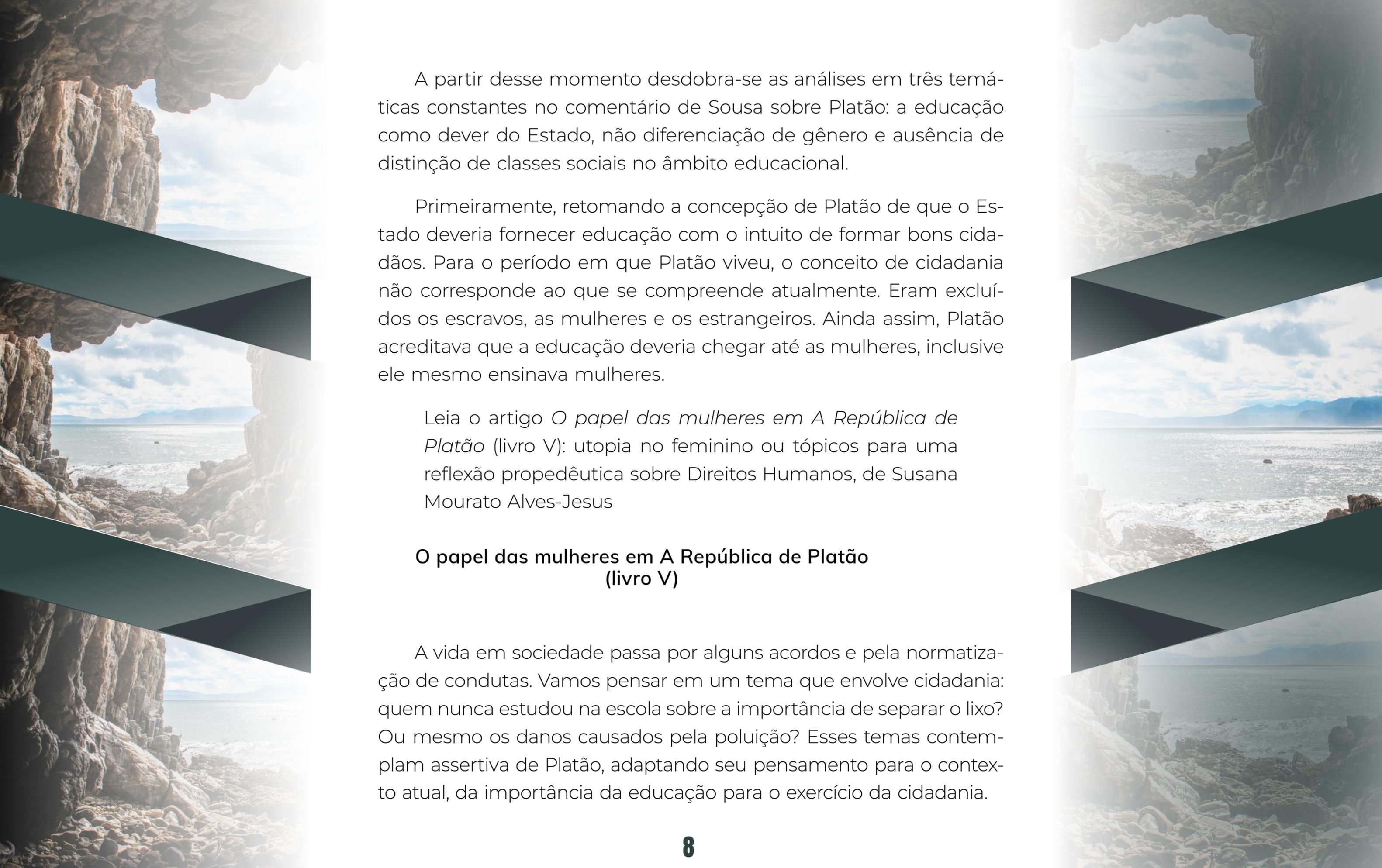
UNIVESP – Filosofia da Educação – Platão



Platão logo percebe que o agir político é fruto da educação que cada um recebeu, portanto se o Estado quer ter bons cidadãos, ele deve se responsabilizar pela Educação de todos: homens e mulheres devem passar pelo mesmo processo educacional sem distinção de classe e gênero. Aqui a história da educação aponta o primeiro pensamento educativo que vê a educação como obrigação do Estado e preconiza uma educação igualitária sem distinção de gênero (SOUSA, 2020, p. 18-19).

Na sequência do texto, Sousa esclarece que a proposição de Platão não foi acatada, em sua época, lembrando que o pensamento em questão foi exposto em “A República”, por volta de 375 anos antes de Cristo. Pensando sobre a concepção atual da educação, o que Platão pretendia é almejado, haja vista a obrigatoriedade do acesso à educação, independente da classe ou gênero e, de acordo com a legislação, a educação é dever do Estado.

Até aqui, que reflexões você já fez sobre a Educação com base nas afirmativas expostas nesse texto?



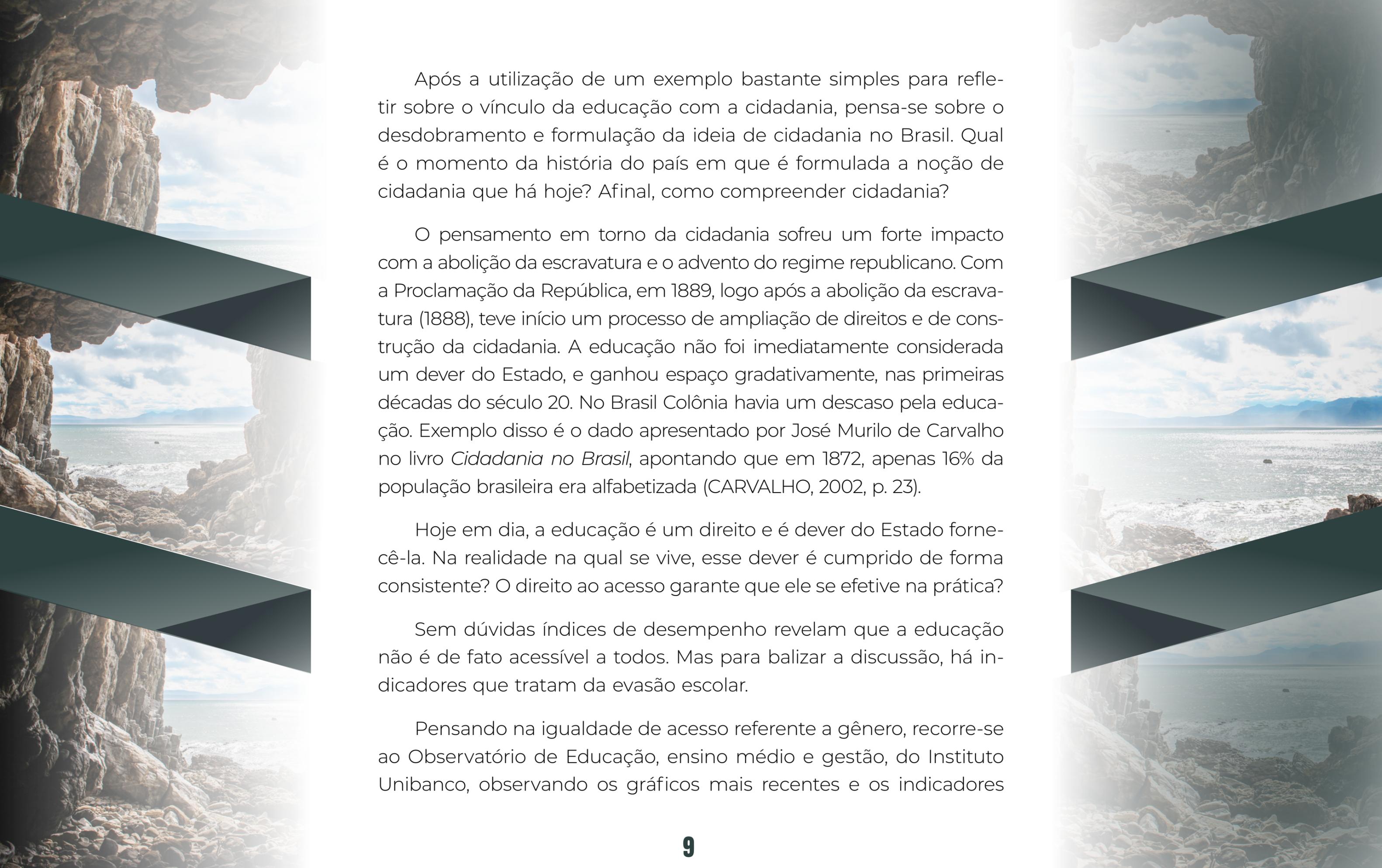
A partir desse momento desdobra-se as análises em três temáticas constantes no comentário de Sousa sobre Platão: a educação como dever do Estado, não diferenciação de gênero e ausência de distinção de classes sociais no âmbito educacional.

Primeiramente, retomando a concepção de Platão de que o Estado deveria fornecer educação com o intuito de formar bons cidadãos. Para o período em que Platão viveu, o conceito de cidadania não corresponde ao que se compreende atualmente. Eram excluídos os escravos, as mulheres e os estrangeiros. Ainda assim, Platão acreditava que a educação deveria chegar até as mulheres, inclusive ele mesmo ensinava mulheres.

Leia o artigo *O papel das mulheres em A República de Platão* (livro V): utopia no feminino ou tópicos para uma reflexão propedêutica sobre Direitos Humanos, de Susana Mourato Alves-Jesus

O papel das mulheres em A República de Platão (livro V)

A vida em sociedade passa por alguns acordos e pela normatização de condutas. Vamos pensar em um tema que envolve cidadania: quem nunca estudou na escola sobre a importância de separar o lixo? Ou mesmo os danos causados pela poluição? Esses temas contemplam assertiva de Platão, adaptando seu pensamento para o contexto atual, da importância da educação para o exercício da cidadania.



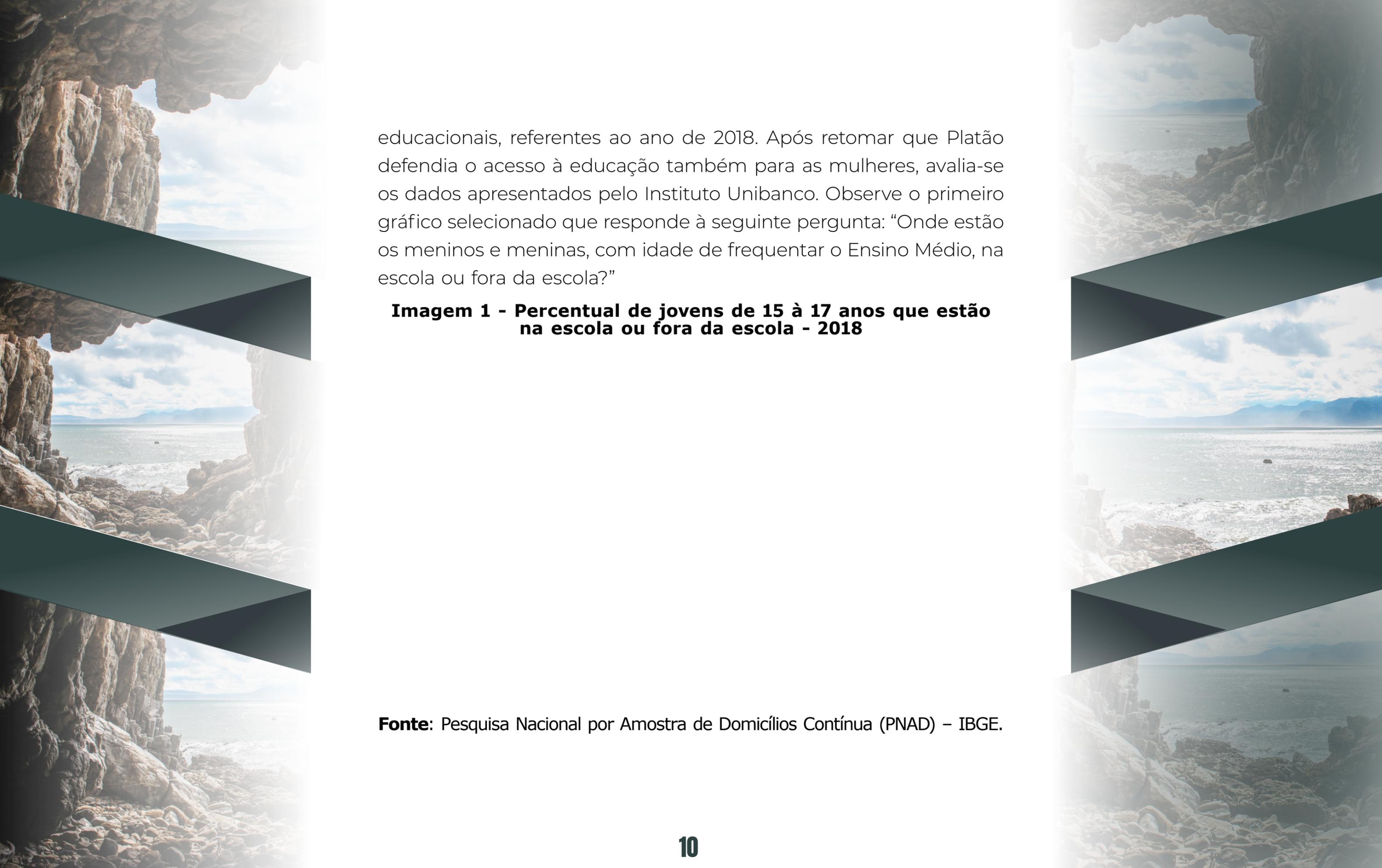
Após a utilização de um exemplo bastante simples para refletir sobre o vínculo da educação com a cidadania, pensa-se sobre o desdobramento e formulação da ideia de cidadania no Brasil. Qual é o momento da história do país em que é formulada a noção de cidadania que há hoje? Afinal, como compreender cidadania?

O pensamento em torno da cidadania sofreu um forte impacto com a abolição da escravatura e o advento do regime republicano. Com a Proclamação da República, em 1889, logo após a abolição da escravatura (1888), teve início um processo de ampliação de direitos e de construção da cidadania. A educação não foi imediatamente considerada um dever do Estado, e ganhou espaço gradativamente, nas primeiras décadas do século 20. No Brasil Colônia havia um descaso pela educação. Exemplo disso é o dado apresentado por José Murilo de Carvalho no livro *Cidadania no Brasil*, apontando que em 1872, apenas 16% da população brasileira era alfabetizada (CARVALHO, 2002, p. 23).

Hoje em dia, a educação é um direito e é dever do Estado fornecê-la. Na realidade na qual se vive, esse dever é cumprido de forma consistente? O direito ao acesso garante que ele se efetive na prática?

Sem dúvidas índices de desempenho revelam que a educação não é de fato acessível a todos. Mas para balizar a discussão, há indicadores que tratam da evasão escolar.

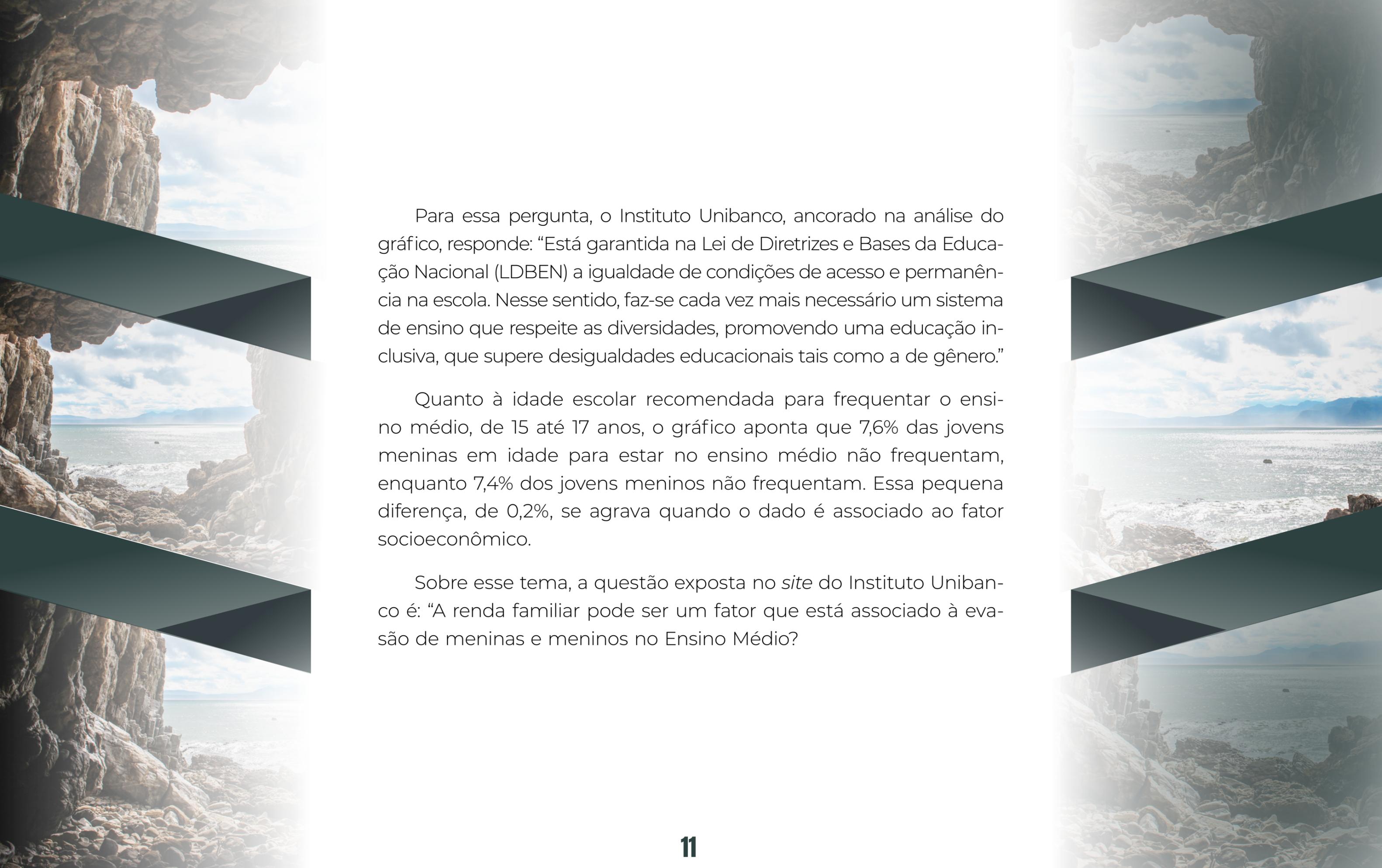
Pensando na igualdade de acesso referente a gênero, recorre-se ao Observatório de Educação, ensino médio e gestão, do Instituto Unibanco, observando os gráficos mais recentes e os indicadores



educacionais, referentes ao ano de 2018. Após retomar que Platão defendia o acesso à educação também para as mulheres, avalia-se os dados apresentados pelo Instituto Unibanco. Observe o primeiro gráfico selecionado que responde à seguinte pergunta: “Onde estão os meninos e meninas, com idade de frequentar o Ensino Médio, na escola ou fora da escola?”

Imagem 1 - Percentual de jovens de 15 à 17 anos que estão na escola ou fora da escola - 2018

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) – IBGE.



Para essa pergunta, o Instituto Unibanco, ancorado na análise do gráfico, responde: “Está garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) a igualdade de condições de acesso e permanência na escola. Nesse sentido, faz-se cada vez mais necessário um sistema de ensino que respeite as diversidades, promovendo uma educação inclusiva, que supere desigualdades educacionais tais como a de gênero.”

Quanto à idade escolar recomendada para frequentar o ensino médio, de 15 até 17 anos, o gráfico aponta que 7,6% das jovens meninas em idade para estar no ensino médio não frequentam, enquanto 7,4% dos jovens meninos não frequentam. Essa pequena diferença, de 0,2%, se agrava quando o dado é associado ao fator socioeconômico.

Sobre esse tema, a questão exposta no *site* do Instituto Unibanco é: “A renda familiar pode ser um fator que está associado à evasão de meninas e meninos no Ensino Médio?”

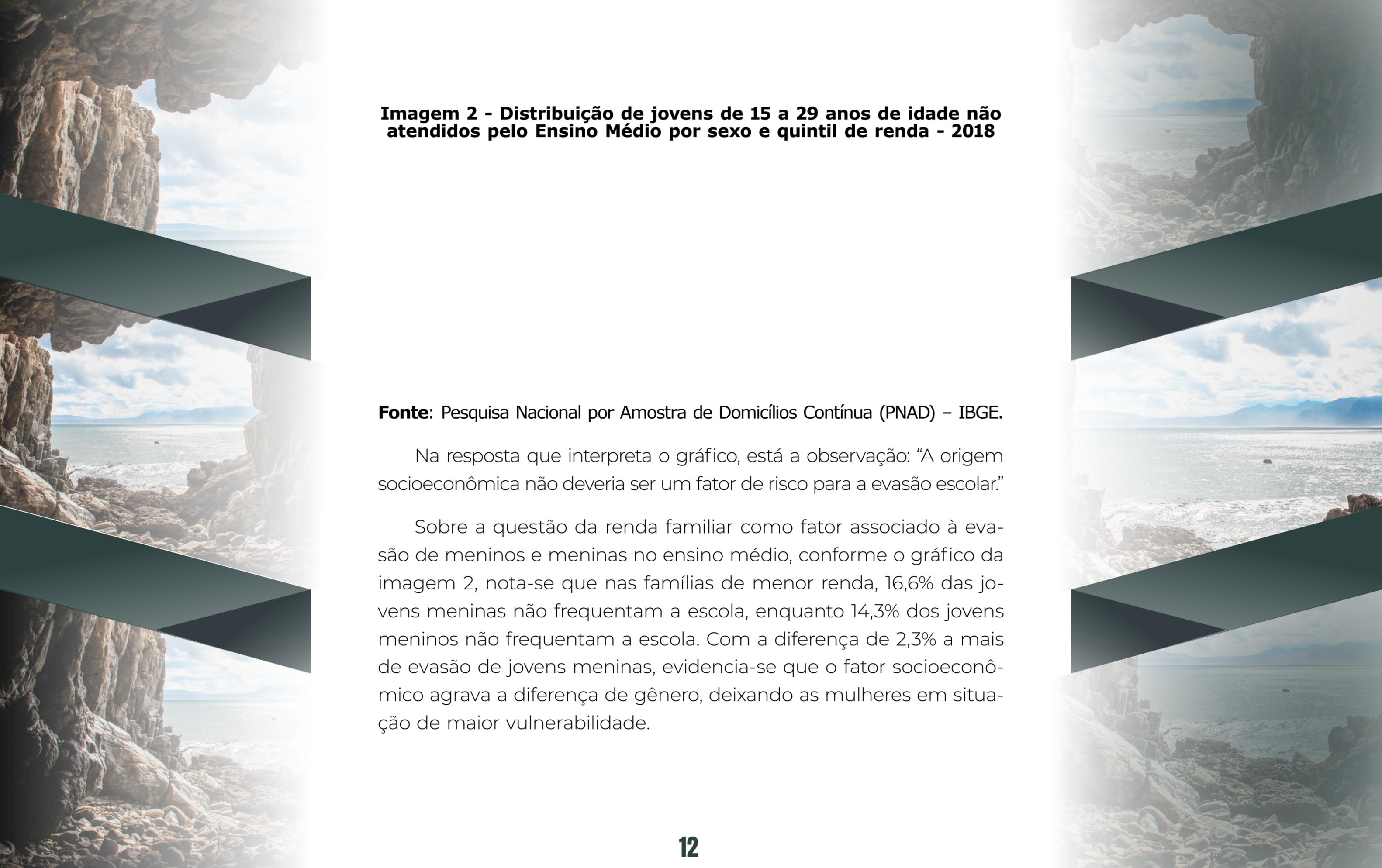
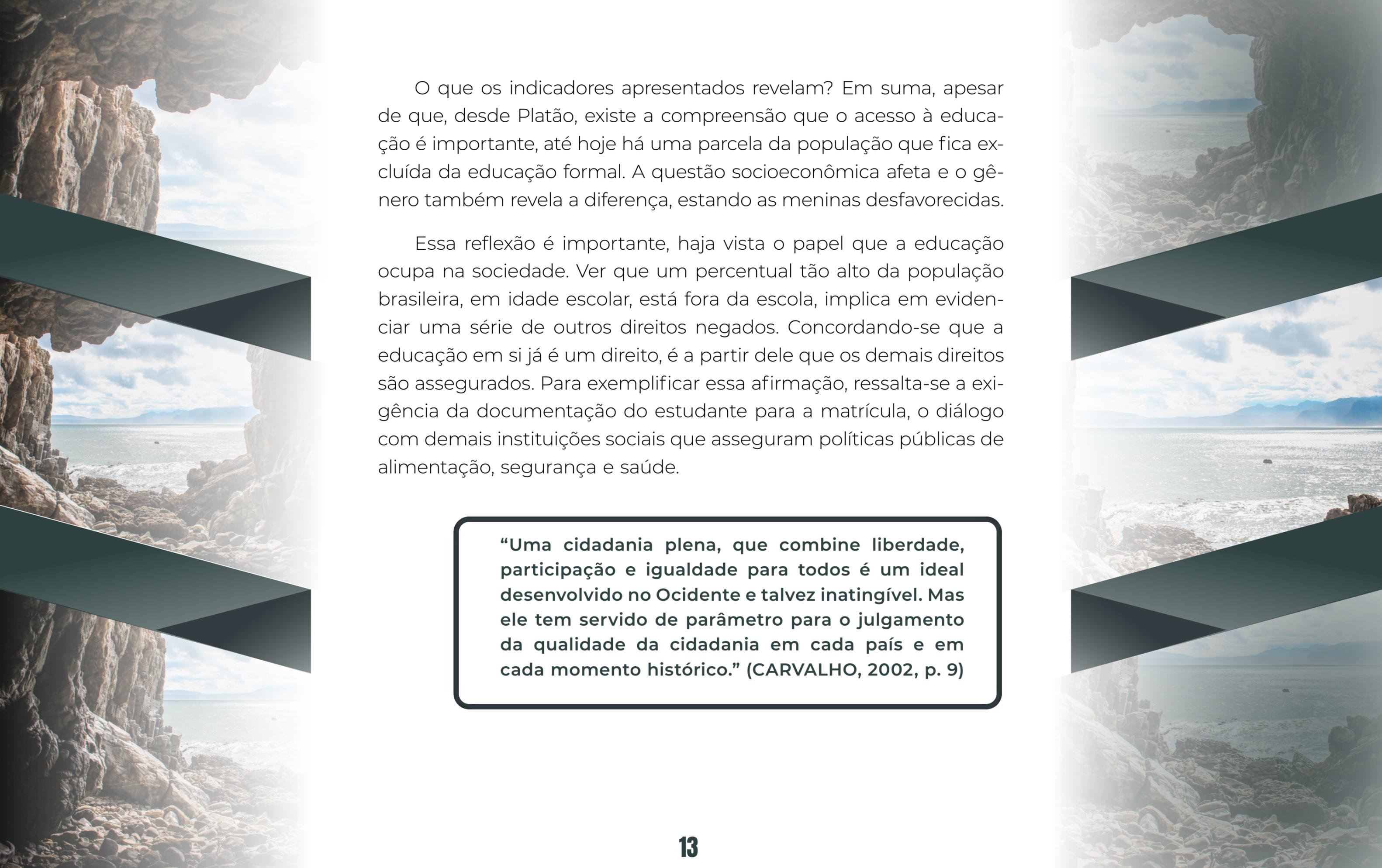


Imagem 2 - Distribuição de jovens de 15 a 29 anos de idade não atendidos pelo Ensino Médio por sexo e quintil de renda - 2018

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) – IBGE.

Na resposta que interpreta o gráfico, está a observação: “A origem socioeconômica não deveria ser um fator de risco para a evasão escolar.”

Sobre a questão da renda familiar como fator associado à evasão de meninos e meninas no ensino médio, conforme o gráfico da imagem 2, nota-se que nas famílias de menor renda, 16,6% das jovens meninas não frequentam a escola, enquanto 14,3% dos jovens meninos não frequentam a escola. Com a diferença de 2,3% a mais de evasão de jovens meninas, evidencia-se que o fator socioeconômico agrava a diferença de gênero, deixando as mulheres em situação de maior vulnerabilidade.



O que os indicadores apresentados revelam? Em suma, apesar de que, desde Platão, existe a compreensão que o acesso à educação é importante, até hoje há uma parcela da população que fica excluída da educação formal. A questão socioeconômica afeta e o gênero também revela a diferença, estando as meninas desfavorecidas.

Essa reflexão é importante, haja vista o papel que a educação ocupa na sociedade. Ver que um percentual tão alto da população brasileira, em idade escolar, está fora da escola, implica em evidenciar uma série de outros direitos negados. Concordando-se que a educação em si já é um direito, é a partir dele que os demais direitos são assegurados. Para exemplificar essa afirmação, ressalta-se a exigência da documentação do estudante para a matrícula, o diálogo com demais instituições sociais que asseguram políticas públicas de alimentação, segurança e saúde.

“Uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível. Mas ele tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico.” (CARVALHO, 2002, p. 9)

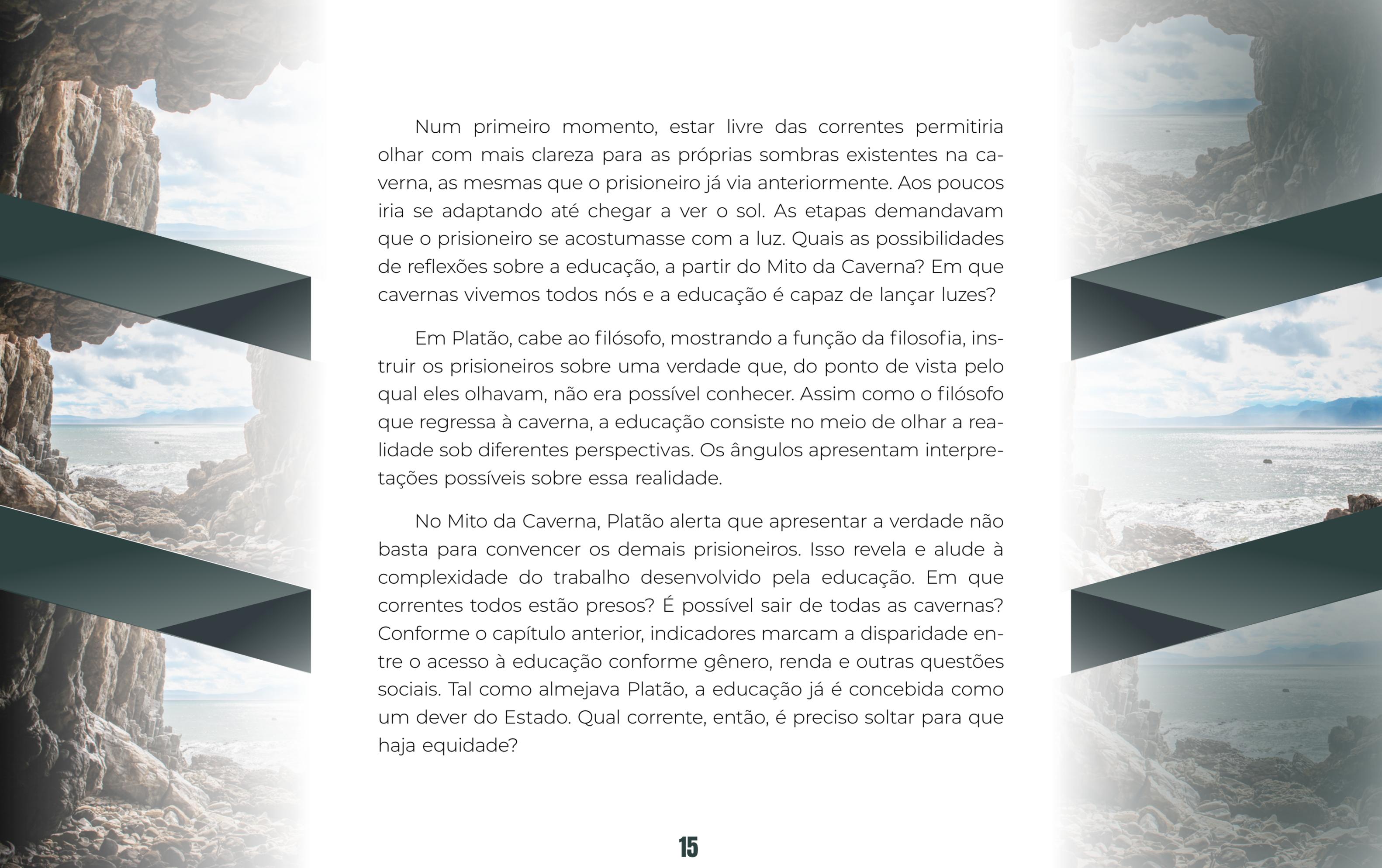
2. O MITO DA CAVERNA E EDUCAÇÃO

Leia com atenção *A alegoria da Caverna*.

A alegoria da caverna – A República (514a-517c)

Leia atentamente o texto e acompanhe em quais sentidos utilizar a caverna como metáfora para tratar da educação. No Mito da Caverna, Platão situa o filósofo como aquele capaz de esclarecer a realidade. Após se libertar das correntes e conseguir enxergar a realidade, saindo do campo da ilusão, o filósofo retorna à caverna e tenta convencer aos demais prisioneiros de que as sombras que veem daquele ângulo não correspondem ao que existe no mundo exterior. As pessoas, acorrentadas na caverna, não acreditam no relato daquele que teve contato com a verdade. E Platão tratou disso como um processo, conforme cito abaixo:

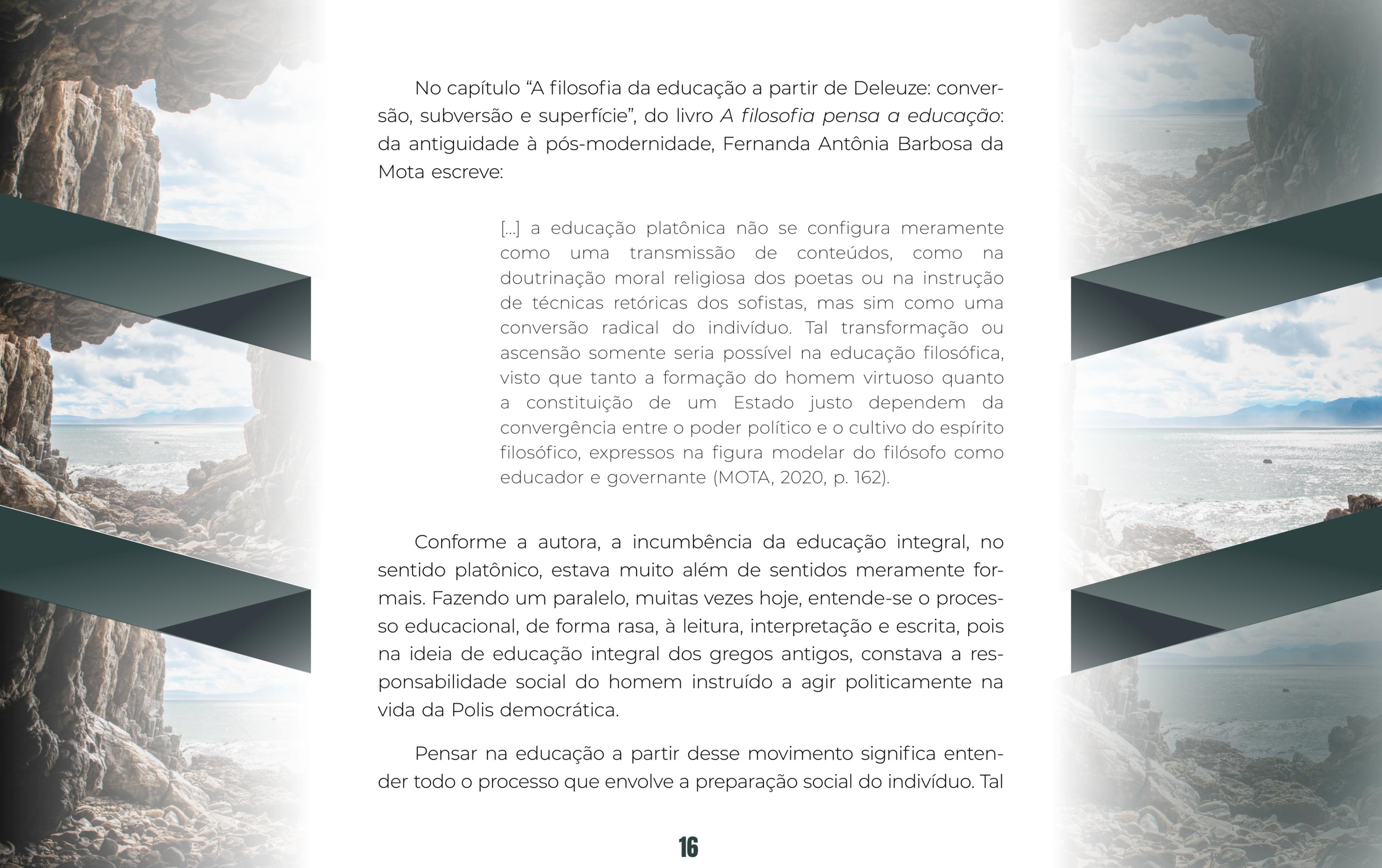
Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia. [...] Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar (PLATÃO, 1993, n. 516).



Num primeiro momento, estar livre das correntes permitiria olhar com mais clareza para as próprias sombras existentes na caverna, as mesmas que o prisioneiro já via anteriormente. Aos poucos iria se adaptando até chegar a ver o sol. As etapas demandavam que o prisioneiro se acostumasse com a luz. Quais as possibilidades de reflexões sobre a educação, a partir do Mito da Caverna? Em que cavernas vivemos todos nós e a educação é capaz de lançar luzes?

Em Platão, cabe ao filósofo, mostrando a função da filosofia, instruir os prisioneiros sobre uma verdade que, do ponto de vista pelo qual eles olhavam, não era possível conhecer. Assim como o filósofo que regressa à caverna, a educação consiste no meio de olhar a realidade sob diferentes perspectivas. Os ângulos apresentam interpretações possíveis sobre essa realidade.

No Mito da Caverna, Platão alerta que apresentar a verdade não basta para convencer os demais prisioneiros. Isso revela e alude à complexidade do trabalho desenvolvido pela educação. Em que correntes todos estão presos? É possível sair de todas as cavernas? Conforme o capítulo anterior, indicadores marcam a disparidade entre o acesso à educação conforme gênero, renda e outras questões sociais. Tal como almejava Platão, a educação já é concebida como um dever do Estado. Qual corrente, então, é preciso soltar para que haja equidade?

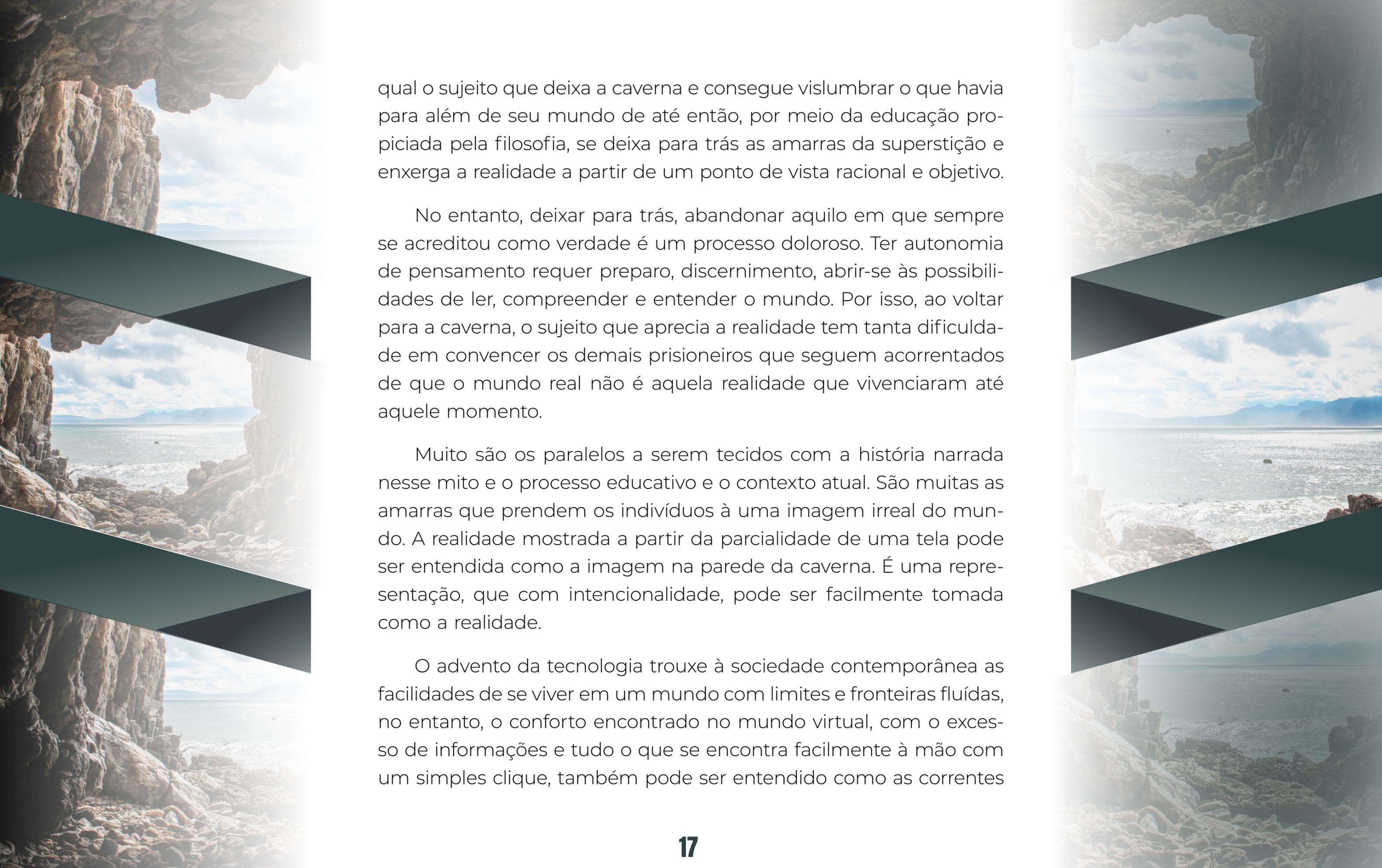


No capítulo “A filosofia da educação a partir de Deleuze: conversão, subversão e superfície”, do livro *A filosofia pensa a educação: da antiguidade à pós-modernidade*, Fernanda Antônia Barbosa da Mota escreve:

[...] a educação platônica não se configura meramente como uma transmissão de conteúdos, como na doutrinação moral religiosa dos poetas ou na instrução de técnicas retóricas dos sofistas, mas sim como uma conversão radical do indivíduo. Tal transformação ou ascensão somente seria possível na educação filosófica, visto que tanto a formação do homem virtuoso quanto a constituição de um Estado justo dependem da convergência entre o poder político e o cultivo do espírito filosófico, expressos na figura modelar do filósofo como educador e governante (MOTA, 2020, p. 162).

Conforme a autora, a incumbência da educação integral, no sentido platônico, estava muito além de sentidos meramente formais. Fazendo um paralelo, muitas vezes hoje, entende-se o processo educacional, de forma rasa, à leitura, interpretação e escrita, pois na ideia de educação integral dos gregos antigos, constava a responsabilidade social do homem instruído a agir politicamente na vida da Polis democrática.

Pensar na educação a partir desse movimento significa entender todo o processo que envolve a preparação social do indivíduo. Tal



qual o sujeito que deixa a caverna e consegue vislumbrar o que havia para além de seu mundo de até então, por meio da educação propiciada pela filosofia, se deixa para trás as amarras da superstição e enxerga a realidade a partir de um ponto de vista racional e objetivo.

No entanto, deixar para trás, abandonar aquilo em que sempre se acreditou como verdade é um processo doloroso. Ter autonomia de pensamento requer preparo, discernimento, abrir-se às possibilidades de ler, compreender e entender o mundo. Por isso, ao voltar para a caverna, o sujeito que aprecia a realidade tem tanta dificuldade em convencer os demais prisioneiros que seguem acorrentados de que o mundo real não é aquela realidade que vivenciaram até aquele momento.

Muito são os paralelos a serem tecidos com a história narrada nesse mito e o processo educativo e o contexto atual. São muitas as amarras que prendem os indivíduos à uma imagem irreal do mundo. A realidade mostrada a partir da parcialidade de uma tela pode ser entendida como a imagem na parede da caverna. É uma representação, que com intencionalidade, pode ser facilmente tomada como a realidade.

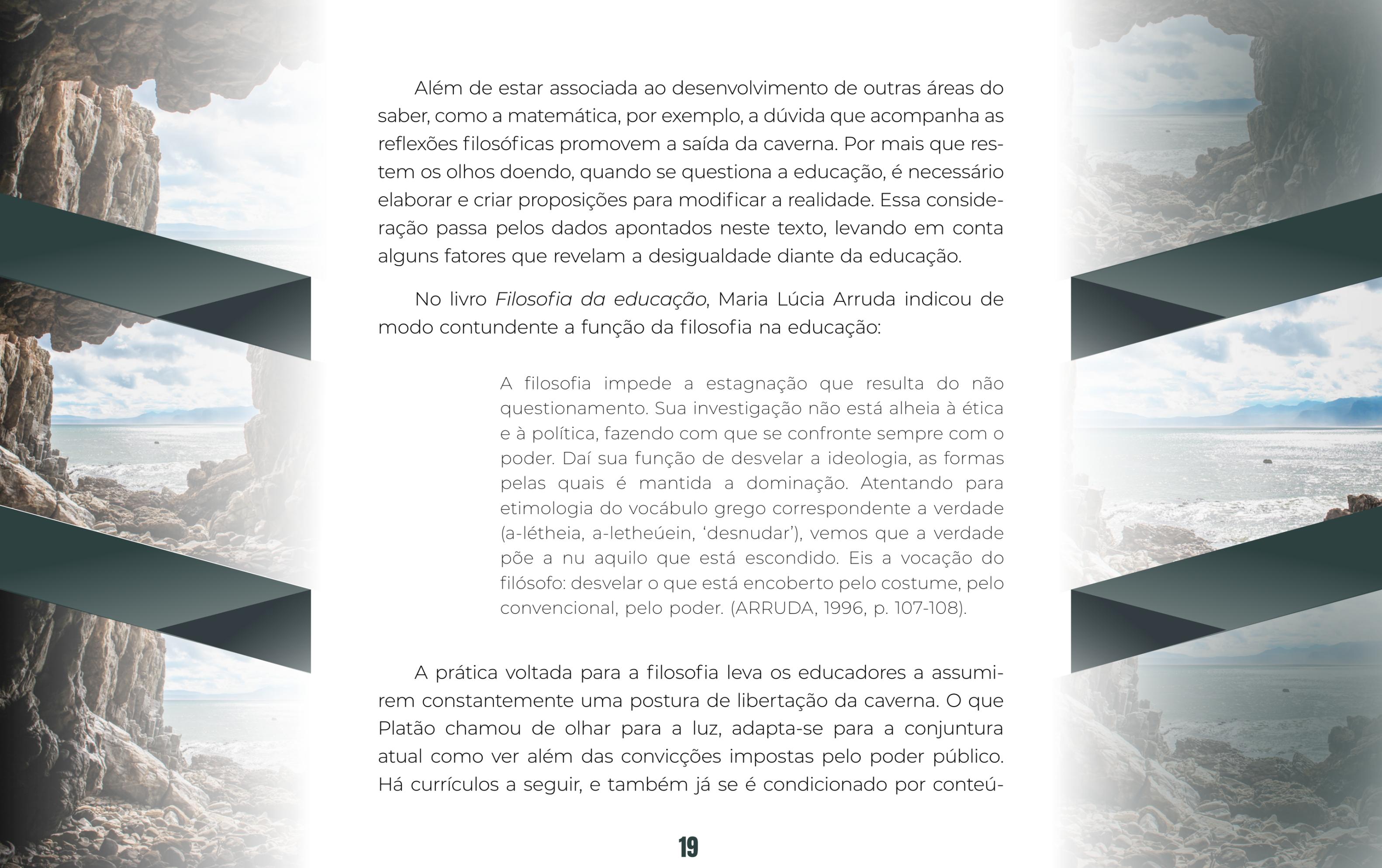
O advento da tecnologia trouxe à sociedade contemporânea as facilidades de se viver em um mundo com limites e fronteiras fluídas, no entanto, o conforto encontrado no mundo virtual, com o excesso de informações e tudo o que se encontra facilmente à mão com um simples clique, também pode ser entendido como as correntes



contemporâneas que prendem a observar uma imagem do mundo, refletida na parede da caverna, hoje as telas de computadores e celulares, por exemplo. O caminho para a liberdade é o conhecimento. Assim, ao reconhecer a parcialidade da realidade vista pelas telas, compreende-se que há outras perspectivas a serem consideradas.

Platão chama a pensar sobre o condicionamento do olhar, abordando o desconforto causado pelas mudanças de percepção. Embora a filosofia comporte desde as reflexões mais simples até as mais elaboradas, não se subestima a importância da filosofia para a educação. Ainda que hoje, como disciplina escolar, existe a luta pela manutenção no currículo, na Antiguidade Clássica Platão considerava que o filósofo é que devia governar, justamente por seu preparo intelectual.

Filosofia e ciência foram separadas somente com a revolução científica do século XVII. Antes disso, dada a complexidade da filosofia, não havia essa separação.

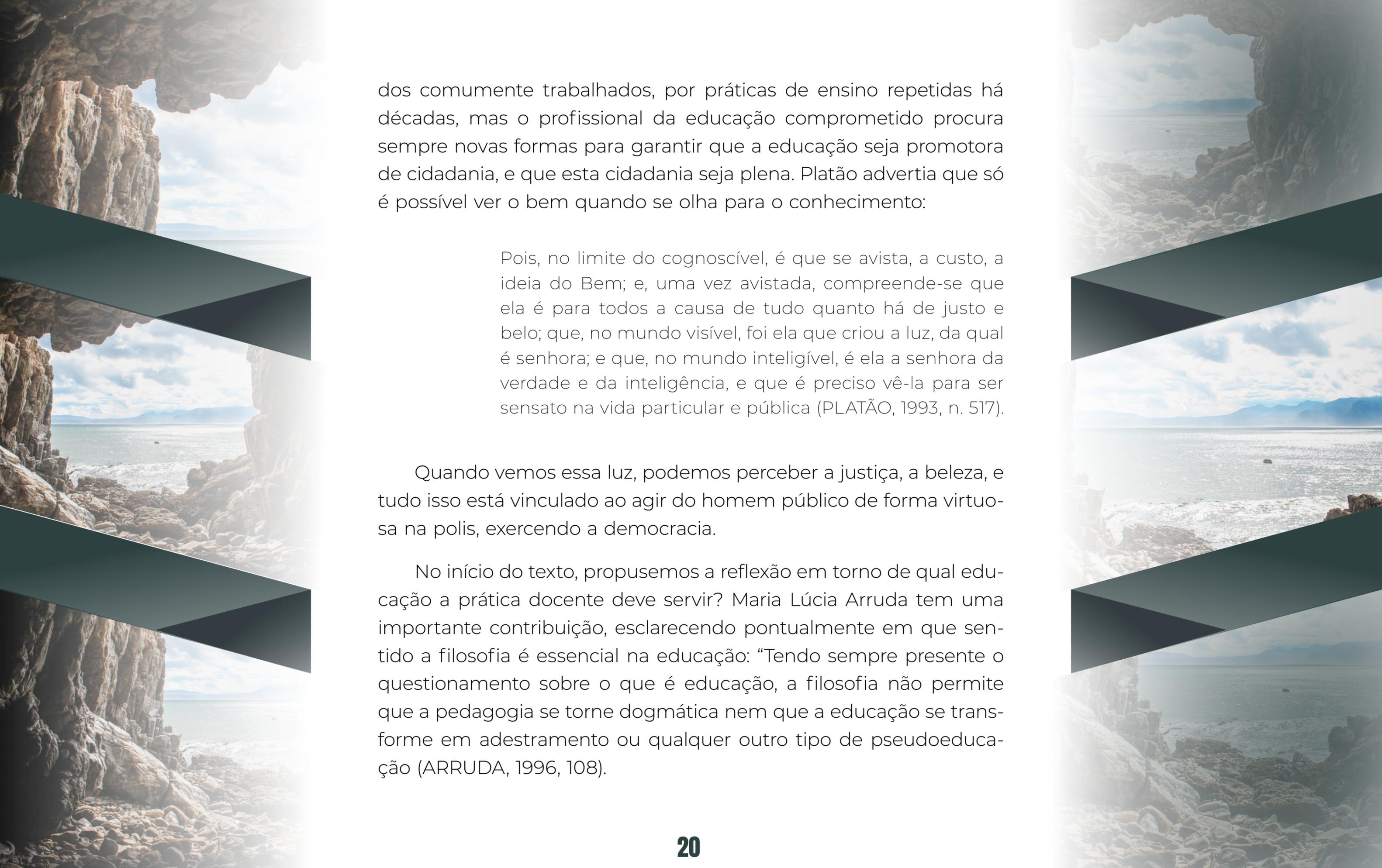


Além de estar associada ao desenvolvimento de outras áreas do saber, como a matemática, por exemplo, a dúvida que acompanha as reflexões filosóficas promovem a saída da caverna. Por mais que restem os olhos doendo, quando se questiona a educação, é necessário elaborar e criar proposições para modificar a realidade. Essa consideração passa pelos dados apontados neste texto, levando em conta alguns fatores que revelam a desigualdade diante da educação.

No livro *Filosofia da educação*, Maria Lúcia Arruda indicou de modo contundente a função da filosofia na educação:

A filosofia impede a estagnação que resulta do não questionamento. Sua investigação não está alheia à ética e à política, fazendo com que se confronte sempre com o poder. Daí sua função de desvelar a ideologia, as formas pelas quais é mantida a dominação. Atentando para etimologia do vocábulo grego correspondente a verdade (a-létheia, a-letheúein, 'desnudar'), vemos que a verdade põe a nu aquilo que está escondido. Eis a vocação do filósofo: desvelar o que está encoberto pelo costume, pelo convencional, pelo poder. (ARRUDA, 1996, p. 107-108).

A prática voltada para a filosofia leva os educadores a assumirem constantemente uma postura de libertação da caverna. O que Platão chamou de olhar para a luz, adapta-se para a conjuntura atual como ver além das convicções impostas pelo poder público. Há currículos a seguir, e também já se é condicionado por conteú-



dos comumente trabalhados, por práticas de ensino repetidas há décadas, mas o profissional da educação comprometido procura sempre novas formas para garantir que a educação seja promotora de cidadania, e que esta cidadania seja plena. Platão advertia que só é possível ver o bem quando se olha para o conhecimento:

Pois, no limite do cognoscível, é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de tudo quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para ser sensato na vida particular e pública (PLATÃO, 1993, n. 517).

Quando vemos essa luz, podemos perceber a justiça, a beleza, e tudo isso está vinculado ao agir do homem público de forma virtuosa na polis, exercendo a democracia.

No início do texto, propusemos a reflexão em torno de qual educação a prática docente deve servir? Maria Lúcia Arruda tem uma importante contribuição, esclarecendo pontualmente em que sentido a filosofia é essencial na educação: “Tendo sempre presente o questionamento sobre o que é educação, a filosofia não permite que a pedagogia se torne dogmática nem que a educação se transforme em adestramento ou qualquer outro tipo de pseudoeducação (ARRUDA, 1996, 108).



A importância de manter no ato de educar o questionamento sobre o próprio sentido da educação, implica em renegar o adestramento o que é feito pela Educação. Embora considerando que a própria escola tem a importante função de moldar a vida em sociedade, isso não quer dizer que os indivíduos que frequentam a escola devam ser condicionados a obedecer. Pior do que seguir regras que não façam sentido, é seguir regras sem questionar o porquê de existirem. Assim, faz sentido estudar sobre o já referido caso de separar o lixo. Porém, as normas de conduta que não correspondem à formação para a cidadania plena, e que não indiquem real importância para a coletividade devem sempre ser confrontadas com base no questionamento de sua validade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste material encerra condizente com o viés da filosofia. Ao invés de concluir, segue-se lançando perguntas que promovem a reflexão crítica, contribuindo para que cada educador elabore para si um pensamento autêntico, capaz de questionar e ter uma postura crítica diante da educação. Para isso, deixa-se as seguintes questões: a racionalidade sempre esteve a serviço da justiça social? A filosofia pode mesmo contribuir para a educação emancipadora?

Veja a imagem que representa o Mito da Caverna. A que você compara as imagens de sombra na caverna?

Imagem 3 - Alegoria da Caverna de Platão

Fonte: Creative Commons (CC BY-NC-ND 2.0) - Criado por Cao Youfang.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

INSTITUTO UNIBANCO. **Educação em Números**. Disponível em <<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/educacao-em-numeros>> Acesso em 10 de Julho de 2021.

PLATÃO. **A República**. Introdução, Tradução e notas: Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

SOUSA, José Renato de Araújo. Breves notas sobre a filosofia da educação de Platão. In.: MOTA, Fernanda Antônia Barbosa da; SILVA, Heraldo Aparecido; NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do (org.). **A filosofia pensa a educação**: da antiguidade à pós-modernidade [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Fi, 2020.

MOTA, Fernanda Antônia Barbosa da. A filosofia da educação a partir de Deleuze: conversão, subversão e superfície. In.: MOTA, Fernanda Antônia Barbosa da; SILVA, Heraldo Aparecido; NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do (org.). **A filosofia pensa a educação**: da antiguidade à pós-modernidade [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Fi, 2020.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof.^a Dr.^a Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Prof. Me. Cléber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD / Coordenador Administrativo do Curso

Prof.^a Me.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Ernando Brito Gonçalves Júnior
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisora

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Devon Janse van Rensburg/Unsplash
Foto

Ago/2021